

A VIAGEM COMO MÉTODO DE ESTUDO¹

TRAVELING AS A STUDY METHOD

Paula Carolina de Andrade Carvalho²

O mundo falava árabe: A civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta
Beatriz Bissio
2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013,
350 páginas
ISBN-13: 978-8520010358

Foi o ato de viajar que moveu Beatriz Bissio a escrever o livro *O mundo falava árabe: A civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta* (Editora Civilização Brasileira, 2013), a partir da sua tese de doutorado defendida em 2008 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Na Introdução, explica que conhecer o Oriente Médio e o norte da África nos anos 1970 provocou-lhe um impacto profundo, como jornalista, passou a acompanhar o desenrolar da Guerra Civil do Líbano (1975-90), visitou Iraque, Israel, Territórios Palestinos, Jordânia, Síria, Iêmen, além de outros países islamizados do continente africano. Desse encontro, viu um mundo muito mais complexo e saiu convicta de que a suposta alteridade irreconciliável entre Islã e Ocidente era um grande equívoco.

É na viagem, portanto, que se tem o encontro com a alteridade. Não é por acaso, então, que Bissio resolveu se debruçar sobre os escritos de dois grandes viajantes do mundo islâmico medieval³: a *Muqaddimah (Os prolegômenos da história universal)*, do historiador Ibn Khaldun (1332-1406), e *Através do Islã*, as memórias de viagem pelos domínios

¹ Esta resenha é parcialmente baseada em contribuição anterior submetida a uma publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista. Seu conteúdo não foi avaliado ou publicado pelos editores, já que a autora publicou outro artigo de conteúdo diverso na mesma edição. A autora reforça que a presente resenha é inédita.

² **Paula Carolina de Andrade Carvalho** fez graduação em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Fez mestrado em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp) e atualmente é doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É pesquisadora do Laboratório de Estudos Orientais e Asiáticos (LEOA) do Departamento de História da Unifesp. *Link* para a Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3864547701890253>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3593-2353>. E-mail para contato: paula_carvalho33@yahoo.com.br.

³ Há uma discussão não consensual na historiografia sobre o uso desse termo para se descrever certos períodos da história islâmica. No entanto, manteve-se o uso da palavra por ser como Bissio se refere ao período em seu livro.

■ resenha de livro

muçulmanos de Ibn Battuta (1304-1368). Na *Muqaddimah*, Ibn Khaldun procura reunir todo o conhecimento e experiência acumulados pela sociedade islâmica em um momento de grandes mudanças diante da ascensão da Europa cristã e, assim, cunhar leis universais que explicassem o funcionamento das sociedades humanas.

Em *Através do Islã* – título escolhido no Ocidente para *Tuhfat al-Nuzzar fi Ghara'ib al-Amsar wa-'Aja'ib al-Asfar*, que poderia ser traduzido para “Um presente para aqueles que contemplam as belezas das cidades e as maravilhas da viagem” –, Ibn Battuta narra as suas viagens ao longo de mais de vinte anos, percorrendo 120 mil quilômetros, indo do Mali até a China, passando pela Península Arábica (incluindo-se algumas peregrinações à Meca), Península Ibérica, a região do Levante, norte da África, Índia e até as Ilhas Maldivas. Esse trajeto foi ditado a Ibn Juzayy (1321-1357), erudito andaluz e poeta da corte merínida de Fez (hoje no Marrocos).

Dividido em duas partes – “O Islã por escrito” e “Os espaços do Islã” –, o livro apresenta em cada um dos sete capítulos características importantes da história mais geral da civilização islâmica de modo claro e sintético, entremeando-as a situações particulares presentes tanto na obra de Ibn Khaldun quanto na de Ibn Battuta. É viajando através dos livros desses dois autores muçulmanos que se descobre os impérios árabe-islâmicos em toda sua complexidade.

Outro importante título lançado na primeira metade dos anos 2010, no Brasil, que também mostra a heterogeneidade dentro do mundo muçulmano é *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica* (Editora Santuário, 2010), de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, professor do Departamento de Antropologia da UFF, onde também coordena o Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM) da mesma universidade. Nesse livro, Pinto busca entender o Islã como fenômeno social a partir de uma extensa pesquisa etnográfica iniciada com sufis na Síria (em 1999) e em grupos islâmicos no Brasil (em 2003). Assim, ele traz um panorama da pluralidade da religião muçulmana pelo mundo, em especial no século XX e início do XXI, ainda que seus capítulos iniciais sejam mais focados na história do surgimento do Islã e da sua expansão. O livro de Bissio complementa o volume de Rocha Pinto por se debruçar no período “medieval” das civilizações islâmicas.

O capítulo 1, “Os árabes no tempo e no espaço”, traz reflexões sobre os conceitos de tempo e espaço – a geografia, aliás, é um tema que permeia o livro inteiro pois é de extrema importância para a religião islâmica. Escrever sobre os mais distintos territórios aparece aqui como o alargamento do espaço social, pois torna-os conhecidos, permitindo, assim, a sua “domesticação”. Em uma relação dialética, o próprio espaço molda a história e o espaço é moldado pelas mudanças das sociedades humanas.

Desse modo, pode-se descobrir como era definida a fronteira de pertencimento aos espaços islamizados – definida por *dar al-islam* (“casa do Islã”) e *dar al-harb* (“casa da guerra”, dos não islamizados). Outro conceito, o de *umma*, complexifica ainda mais essas relações espaciais e de pertença, uma vez que se trata de um sentimento que unifica os

■ resenha de livro

seus membros pelo fato de partilharem da mesma fé, a muçulmana. A língua árabe também vai ser um elemento de coesão desses impérios, pelo fato de o Livro Sagrado, o Corão, ser escrito e recitado nesse idioma.

Também nesse capítulo é apresentada uma ideia reiterada ao longo de toda a obra: o Islã é uma religião urbana, pois surge na cidade de Meca pelo profeta Muhammad e vai se consolidar em outra cidade, Yathrib, que depois vai ganhar o nome de Medina –na língua árabe *madinah* significa “cidade”, sendo Medina, então, a Cidade por excelência, já que acolheu o Profeta depois de este imigrar de Meca (a hégira), em 622 d.C., ano que marca o início do calendário islâmico. A importância do espaço e da geografia ainda se mostra pela necessidade de o muçulmano ter de se virar para Meca no momento da realização das preces e é nessa direção que o corpo do muçulmano morto deve ser enterrado.

“O Mediterrâneo árabe no século XIV” é o título do capítulo 2 e situa Ibn Khaldun e Ibn Battuta temporal e espacialmente, trazendo informações sobre a expansão do império árabe-islâmico para além das fronteiras da Península Arábica e como esse império foi se fragmentando e sendo reconstruído até o século XIV. O capítulo 3, “O Islã segundo os historiadores e os viajantes”, apresenta com mais detalhes a vida e a obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta, apresentando o conceito de *rihla* (“viagem”, em árabe), um gênero literário surgido em Al-Andalus e no Magreb no século XII, a partir de depoimentos escritos de peregrinos viajantes – um dos cinco pilares do Islã é a realização ao menos uma vez na vida do *haji*, a peregrinação ritual à cidade sagrada de Meca. Consolidada nos séculos posteriores, a *rihla* trazia informações sobre os locais e os povos visitados ao longo desses périplos, inclusive com dados sobre a condição das estradas e de hospedagens. A viagem mostra-se, assim, como um “instrumento fundamental da teoria do conhecimento” (BISSIO, 2013, p. 97).

É também nesse capítulo que Bissio traça a história dos próprios manuscritos de Ibn Khaldun e Ibn Battuta, especialmente do primeiro, com sua circulação pelo império otomano até chegar a traduções europeias no século XIX e um interesse maior pela obra no século XX. No entanto, sente-se falta de ao menos uma menção ao trabalho do tradutor José Khoury, imigrante libanês que traduziu para o português integralmente a obra de Khaldun entre 1958 e 1961. Segundo Josias Abdalla Duarte (apud SENKO, Eliane 2009, p. 3), Khoury terminou esse trabalho em 1956, “tendo início a difícil procura de uma editora que aceitasse publicá-lo. Visitou editores brasileiros e argentinos sem sucesso e, no final, desfez-se de bens pessoais para que Ibn Khaldun fosse publicado numa versão integral em língua portuguesa”. Apesar de esgotada,

não iniciou-se ali uma tradição brasileira de estudos sobre Ibn Khaldun; hoje, esta tradução está esquecida, há mesmo uma desvalorização do trabalho de Khoury. No entanto, quando atentamos para a inexistência de edições críticas dignas deste nome e para as traduções integrais até àquela altura realizadas, percebemos melhor o trabalho de Khoury. A dificuldade terminológica, a abrangência semântica foram tratadas com rigor por este tradutor e deveriam, certamente, apesar das limitações desta tradução, aliás, drama comum a todas as disponíveis,

fazer da sua obra peça presente na biblioteca de todo estudioso de Ibn Khaldun e do pensamento árabe-islâmico. [DUARTE, 2007, p. 403] (SENKO, 2009, p. 3)

O quarto capítulo, “A civilização, um fenômeno bipolar”, desenvolve o conceito de *umma* através dos inícios da história islâmica e uma discussão mais voltada para a obra de Ibn Khaldun, com base na ideia de *umram*, traduzida como “civilização”, procurando explicar o surgimento do império árabe-islâmico. Para ele, a civilização surge como um fenômeno urbano, mas que também precisa do meio rural à sua volta para poder prosperar, sendo que os dois espaços se retroalimentam continuamente. “A apreensão do espaço através da viagem” é o quinto capítulo e mostra como a viagem e a mobilidade eram partes essenciais na vida dos muçulmanos, não só pela peregrinação à Meca, mas também para a construção do saber:

Por mais de um século os eruditos e os seus alunos viajaram de um lugar a outro do *mamlaka* [reino] à procura desses materiais [informações da época do Profeta a partir de testemunhos pessoais]. A viagem foi sendo progressivamente associada à construção do saber, à aquisição do conhecimento alicerçado na experiência. “Ligados a um mundo onde intelectualidade e aventura se combinavam, eles trabalharam juntos para defender o princípio segundo o qual não se pode dominar o saber sem embarcar na viagem” [TOUATI, Houari, 2001, p. 10] (BISSIO, 2013, p. 151).

Nesse sentido, Bissio (2013, p. 154) observa que a ideia da “viagem como método de estudo” foi, ao longo da Idade Média, considerada como um “dever por todos os muçulmanos que aspiravam a integrar os círculos dos eruditos”, não importando se fossem estudiosos das ciências corânicas ou das ciências naturais, como astronomia, matemática e medicina. Portanto, a viagem, segundo a autora, é um tema que “unificou a história” do Islã medieval [GELLERS Sam in EICKELMAN, Dale F., PISCATORI, James (orgs.), 1990, p. 56] (BISSIO, 2013, p. 154).

O capítulo 6, “O espaço representado”, volta-se novamente para a geografia dos espaços árabe-islâmicos, debruçando-se sobre a formação da cartografia islâmica e a forma como esse espaço era representado em mapas e cartas geográficas. O sétimo e último capítulo, “Da mesquita a Meca, o espaço hierarquizado”, faz uma reflexão sobre a arquitetura e o urbanismo islâmicos, pois se volta sobre o modo como as cidades muçulmanas foram planejadas e construídas, destacando a preeminência das mesquitas na construção desse espaço, que também possuía diferenciações sociais próprias.

A profusão de nomes de lugares, povos e dinastias em *O mundo falava árabe* pode deixar a leitura um tanto confusa, mas o texto é didático o suficiente para impedir que o leitor de primeira viagem se perca. É sinal de que existem muitos mundos a serem conhecidos e explorados pela academia brasileira, ainda muito voltada para determinados espaços europeus e para a própria historiografia nacional. A presença de vários mapas e o caderno de imagens ajudam na visualização desse mundo pouquíssimo conhecido no Brasil. Nesse ponto, *O mundo falava árabe* é muito mais convidativo e acolhedor ao leitor novato do que, por exemplo, *Uma história dos povos árabes*, de Albert Hourani, um dos poucos livros mais abrangentes sobre o tema traduzido no Brasil.

■ resenha de livro

Apesar de o livro ter sido publicado em 2013 a partir de tese defendida por Bissio no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2008, trata-se de um título que vale a pena ser conhecido e revisitado, principalmente para os pesquisadores da área de literatura e história – este último campo é, inclusive, carente de bibliografia especializada em língua portuguesa (ainda que existam títulos publicados por autores brasileiros e algumas traduções no mercado), pois disciplinas como História da Ásia, História do Oriente Médio e/ou História Islâmica não se consolidaram ainda como áreas independentes dentro dos departamentos de história nas universidades brasileiras e em programas nacionais que oferecem bolsas.

É dessa lacuna que o professor do Departamento de Letras da Universidade de São Paulo, Mamede Mustafa Jarouche, destaca no prefácio do livro:

Uma das maiores dívidas da produção humanística brasileira, dentro ou fora da academia, é com questões relativas ao Oriente Médio, quais que sejam elas. São poucos os historiadores, críticos literários, sociólogos, estudiosos de filosofia, enfim, de qualquer área das humanidades, que se dedicam ao assunto (MAMEDE in BISSIO, 2013, p. 9).

Ainda que a produção bibliográfica sobre o mundo islâmico escrita por jornalistas e acadêmicos brasileiros tenha aumentado nos últimos dez anos, é um terreno que precisa ser desbravado. É possível que o parco número de traduções de obras que tratem do assunto torne essas questões pouco acessíveis no Brasil, ou talvez exista a percepção de que a alteridade parece ser tamanha que os estudantes, professores e intelectuais em geral fiquem intimidados em se aventurar por terras pouco desbravadas pela academia brasileira.

A cobertura internacional por parte da imprensa brasileira também deixa a desejar, diante do fato de poucos veículos terem correspondentes internacionais vivendo nas principais cidades do mundo árabe-islâmico, o que possibilitaria fazer uma cobertura que não dependesse de agências de notícias e jornais europeus e norte-americanos. O fato de estar pouco ou nada presente no currículo escolar é outro fator que invisibiliza as influências diretas da civilização árabe-islâmica na Península Ibérica e indiretas na América Portuguesa e Hispânica.

No entanto, não se deve culpar apenas o meio universitário brasileiro por essa ausência, já que é uma tendência bem mais ampla. Bissio, citando Abdesselam Cheddadi (2013, p. 72), tradutor e especialista da obra de Ibn Khaldun, julga que

[...] o Islã como objeto de estudo não foi suficientemente incorporado aos processos globais da história universal. Na sua opinião, as pesquisas comparativas entre o mundo islâmico e o Ocidente relativas a instituições religiosas, sociais, econômicas, políticas e à produção intelectual e artística permanecem relativamente raras e limitadas. Ainda existe, portanto, uma descontextualização nos estudos acadêmicos, marcados pelo peso exagerado atribuído a certas características da sociedade muçulmana, particularmente no que diz respeito à sua (real ou suposta) alteridade. O Islã teria sido estudado de forma isolada, enfatizando-se os seus traços diferenciais e acentuando-se sua singularidade.

■ sumário

Nesse sentido, *O mundo falava árabe* continua sendo um título de importância para se ter um primeiro contato com o tema, pois traz um panorama histórico do auge da história do império islâmico e serve para “reconhecer terreno” antes de passar para leituras mais elaboradas, sendo uma porta de entrada para a descoberta de novos mundos historiográficos. Como o próprio livro foi concebido por meio da viagem e é sobre viagem, ele faz não só um convite a viajar para além das fronteiras conhecidas como também é uma apologia à viagem como método de estudo.

Referências

BISSIO, Beatriz. *O mundo falava árabe: A civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

SENKO, Elaine Cristina. “Entre o passado e o presente, um homem em busca da História: Ibn Khaldun (1332-1406) e sua proposta historiográfica”, *Revista Tempos Acadêmicos*, n.7 (2009) pp. 1-12.